

Miséria generalizada, um retrato de Rosa da Penha

Um painel generalizado de miséria. É o que se pode afirmar sobre o bairro Rosa da Penha, com a falta de infraestrutura, ausência total de ruas asfaltadas, iluminação precária, inexistência de saneamento básico e de coleta de lixo, e com uma única escola pública para atender a toda a comunidade. Ali, a urbanização não existe.

Como um bairro que surgiu sem planejamento, produto de invasões e loteamentos feitos por particulares, Rosa da Penha apresenta ruas irregulares, com casas sem numeração. A televisão é conhecida, mas um carro de reportagem e a presença do fotógrafo pode causar alarme à população, que pede por autógrafos. Lá, três coisas são bastante conhecidas: a sub-delegacia, o movimento comunitário da Igreja, que distribui leite da campanha da LBA, e o ponto final do ônibus.

Exceto isso, sabe-se pouca coisa sobre o bairro Rosa da Penha. Seu desconhecimento é facilitado pela localização geográfica, numa região circundada por morros e favelas, em que o acesso é meramente informado pelos habitantes que afirmam: basta seguir a trilha do ônibus".

No centro do bairro, que os moradores chamam de "pracinha", a igreja, onde funciona o movimento comunitário, a escola pública municipal. Entretanto, com relação aos que os moradores classificam de pracinha, existe uma queixa: a área foi totalmente invadida por barracos.

ESCOLA

Com apenas uma escola pública funcionando para atender às crianças de toda a comunidade, três professoras tomaram a iniciativa de fazer um recenseamento sobre o número de crianças que estavam sem escola. Com base nesses dados, improvisaram uma pequena escola, que funciona um prédio cedido por Adelson Lopes, proprietário de uma mercearia no bairro.

Nesse local, 110 crianças, em idade variável de cinco a onze anos, são alfabetizadas, sem receber nenhum recurso da prefeitura de Cariacica. A

professora Dulce Maria Helena Loss Delboni informar que um terreno foi cedido há bastante tempo pela proprietária de um loteamento. Contudo, a prefeitura não construiu nenhuma escola, apesar das promessas feitas às professoras.

A escola funciona numa casa com construção inacabada e bancos feitos com recursos das próprias professoras. As aulas são ministradas em três turnos. Essa situação de carência tende a se agravar, segundo Dulce Maria Helena Loss Delboni, porque, apesar da boa vontade, o proprietário do prédio onde a escola funciona atualmente, já avisou que passará a cobrar, a partir de junho, um aluguel de Cr\$ 4 mil.

LEITE

Para confirmar o estado de carência em que vive a população do bairro, aponta-se o interesse dos moradores pela campanha desenvolvida pela Legião Brasileira de Assistência, com a distribuição de leite às crianças mais necessitadas. Uma enorme fila, ontem, era formada no pátio da Igreja Católica, onde membros do conselho da comunidade atuavam como voluntários na distribuição de leite à crianças e gestantes.

Mesmo que o programa da LBA seja apenas para a população do bairro Rosa da Penha, mulheres de outras localidades tentavam, junto à coordenação do programa, obter leite para os seus filhos. Maria José Rodrigues, com cinco filhos, marido desempregado há seis meses, reclamava que há cinco meses estava tentando a inclusão do seu nome na lista dos beneficiados pelo programa. Ela afirmava que não dispunha de recursos para alimentar os seus cinco filhos, e ainda alimentar-se para garantir a gravidez.

Segundo informação da coordenadora do programa do leite da LBA no bairro, são distribuídos mensalmente às 300 famílias cadastradas, a seguinte quantidade de leite: para crianças com idade entre 6 meses a 6 anos, 2 quilos; para as gestante, 4 quilos, e para as nutrízes, 4 quilos.